A "GUERRA SANTA" DE EVANGELICOS CONTRA O NEOPENTECOSTALISMO

Airton Luís Jungblut*

O texto "Neopentecostalismo e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?" de Ari Pedro Oro vem, como se pode perceber, atualizar o quadro de informações e análises que se dirigem a esse instigante fenômeno do campo religioso brasileiro, que é a "guerra santa" de neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras. Como se trata de um fenômeno que adquire a cada dia novos desdobramentos e está longe de ter-se esgotado como matéria de reflexão para as Ciências Sociais, as contribuições atualizadoras e complementares de Oro vem oportunamente reaquecer o debate sobre os fatos constitutivos desse fenômeno. Não bastasse os acréscimos que faz as análises anteriores, Oro introduz uma nova e muito pertinente questão: as razões que levam a fraca reação por parte dos afro-brasileiros as acusações dos neopentecostais. Procurando dar possíveis respostas a essa questão – e penso ser essa a contribuição mais importante – o autor faz um levantamento de aspectos que envolvem os dois lados em contenda e formula algumas interessantes hipóteses para o entendimento da mencionada fraca reação afro-brasileira as acusações neopentecostais.

A título de reação a esse texto, pretendo propor aqui uma ampliação do quadro de abrangência da "guerra santa" que se desencadeia no campo religioso brasileiro com a emergência do neopentecostalismo e tentar demonstrar que ela – ou algo análogo a ela – ocorre em pelo menos uma outra zona de interação do neopentecostalismo com sua exterioridade.

O embate ao qual Oro refere-se - neopentecostalismo versus

* Airton Luiz Jungblut é Licenciado em Ciências Sociais pela PUC/RS, Mestre em Antropologia Social pela UFRGS e, atualmente, doutorando em Antropologia Social pela UFRGS. Sua dissertação de mestrado intitula-se: "Entre o evangelho e o futebol: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de 'atletas de cristo' em Porto Alegre". Desenvolve atualmente pesquisa sobre a "Teologia da Prosperidade".

afro-brasileiros – é, com certeza, o mais visível e dramático no campo religioso brasileiro atual, o que justifica, portanto, as análises privilegiadas que vem recebendo; mas pode-se mencionar ao menos um outro igualmente – e no entanto menos visível – embate do neopentecostalismo com sua exterioridade. Trata-se do combate teológico que alguns setores evangélicos, francamente contrários a determinadas bases teológicas neopentecostais (e suas consequências), vem mantendo contra o que consideram heresias neopentecostais inaceitáveis a tradição evangélica. Pretendo, ainda, demonstrar algumas curiosas inversões de situações entre o caso analisado por Oro e o que será exposto aqui.

O mal-estar de determinados setores do universo evangélico para com os "excessos" de igrejas neopentecostais já é bastante conhecido, tendo até alguma divulgação na mídia nos momentos em que a IURD é noticiada por seus "escândalos". O celebrado pastor Caio Fábio, líder evangélico mais empenhado em exprimir este mal-estar junto a opinião pública brasileira, costuma deixar claro nesses momentos uma não-concordância básica de setores evangélicos com os aspectos mercadológicos assumidos pelas igrejas neopentecostais.

Há, contudo, no interior do universo evangélico brasileiro, aspectos deste mal-estar evangélico com o neopentecostalismo que não tem quase vazado para o seu exterior e que são considerados muito mais sérios do que a mera avidez pelo endinheiramento de grupos como a IURD. Trata-se da crescente preocupação com o tipo de postura religiosa que a chamada "Teologia da Prosperidade", um dos elementos constitutivos do neopentecostalismo, tem provocado em seus adeptos. Por Teologia da Prosperidade entenda-se, basicamente, aquela doutrina surgida no interior do pentecostalismo norte-americano, que prega enfaticamente o direito de todo crente, detentor de uma verdadeira fé cristã, exigir de Deus o cumprimento imediato de todas as bênçãos prometidas ao seu povo quando da remissão dos pecados através da morte sacrificial de Cristo. Ela postula que Deus está obrigado a atender a todo tipo de solicitação (saúde, riqueza, felicidade, etc.) feita corretamente através do que é denominado "confissão positiva", ou seja, através da fé incondicional na realização da solicitação associada ao emprego de vocábulos

corretos que expressem a sua legitimidade bíblica¹.

Essa doutrina, argumentam seus combatadores evangélicos, tem levado seus adeptos a se sentirem "mini-deuses", já que se sentem tendo "direitos legais" de compartilhar dos poderes de Deus, o que, por consequência, implicaria na diminuição de sua soberania e num primeiro passo em direção ao panteísmo. Argumentam ainda que se trata de uma doutrina que faz uso de lógicas do "pensamento positivo"; que estimula a auto-suficiência individual, o "culto ao eu" e o hedonismo². Todos esses "desvios" considerados intoleráveis à fé evangélica são então interpretados como uma manifestação do "movimento nova era" no seio do protestantismo e, para confirmar essas suspeitas, vai-se à gênese da Teologia da Prosperidade e lá, surpreendentemente, descobre-se que se trata de doutrina gerada através de sincretismo com uma filosofia esotérica (Novo Pensamento) e uma seita gnóstica-cristã (Ciência Cristã)³.

1 Sobre "Teologia da Prosperidade" (trabalhos acadêmicos) ver: FRESTON, Paul. "Breve história do pentecostalismo brasileiro". In: ANTONIAZZI, Alberto ... et al.; Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, pg. 146-151; JUNGBLUT, Airton Luiz. Entre O evangelho e o futebol: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de 'atletas de Cristo' em Porto Alegre. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social- PPGAS/UFRGS). Porto Alegre: 1994, pg. 76-86; MARIANO, Ricardo. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando. (Dissertação de Mestrado em Sociologia - FFLCH/USP) São Paulo: 1995, pg. 145-189; FONSECA, Alexandre Brasil. Evangélicos e mídia no Brasil. (Dissertação de Mestrado em Sociologia - PPGS/UFRJ). Rio de Janeiro: 1997, Cap. 5.

2 Há vários livros evangélicos sobre nova era. Veja por exemplo: ANDRÉ, Marcos. Nova era: O que é? De onde vem? O que pretendem? Venda Nova: Ed. Betânia: 1992; ANKERBERG, John & WELDON, John. Os fatos sobre o movimento nova era. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia Noite: 1995; etc.

3 Foi D. R. MACCONNELL, em seu livro "A different gospel", quem descobriu a gênese pouco ortodoxa da Teologia da Prosperidade. No Brasil as informações desse livro, que formam a base das acusações evangélicas contra essa doutrina, foram divulgadas em, pelo menos, cinco livros: PIERATT, Alan B. O evangelho da prosperidade. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova: 1993; GONDIM, Ricardo. O evangelho da nova era: uma análise e refutação bíblica da chamada teologia da prosperidade. São Paulo: Abba Press: 1994; ROMEIRO, Paulo. Super crentes: O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão: 1996; HANEGRAAFF, Hank. Cristianismo em crise. Rio de Janeiro: CPAD: 1996. ANKERBERG, John & WELDON, John. Os fatos sobre o movimento da fé: qual sua origem, o que ensina, a quem prejudica. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia Noite: 1996.

A associação com o "movimento nova era" torna, para alguns setores evangélicos, a existência da Teologia da Prosperidade demasiadamente intolerável no interior da tradição protestante e isso porque quem a denúncia geralmente compartilha de uma recente crença evangélica que interpreta o movimento nova era como decorrente de uma grande conspiração satânica para governar a humanidade, conspiração essa, que estaria anunciada na Bíblia para ocorrer num período preliminar ao apocalipse. Segundo essa crença, estaria ocorrendo, através da crescente popularização do movimento nova era, um reavivamento satânico, um "último suspiro" de Satanás antes de sua derrota iminente.

Passou-se, então, a interpretar, como decorrência desta maquinação satânica, fatos, tais como: o ecumenismo, a globalização, o avançado desenvolvimento técnico-científico dos dias atuais e, fundamentalmente, o desenvolvimento crescente das técnicas seculares e religiosas de potencialização humana (pensamento positivo, auto-ajuda, ioga, holismo, ecletismo religioso, desenvolvimento mediúnico, aprimoramento espiritual não-cristão, práticas oraculares, etc.).

Esta crença - que possui variações quanto aos significados escatológicos atribuídos ao movimento nova era - está bastante disseminada no meio evangélico e articula-se com a doutrina da "guerra espiritual", que vem a ser uma revitalização da interpretação da realidade humana como permanentemente submetida aos embates entre Deus e Satanás. Essa doutrina leva os que passam a conscientizá-la a viverem numa constante reflexão sobre onde e como no mundo humano Deus e Satanás estão rivalizando e a tomarem posicionamentos cada vez mais intransigentes em defesa da fé cristã-evangélica de um modo geral (no exterior do universo evangélico) e da sua integridade e ortodoxia de um modo particular (no interior do universo evangélico). Na doutrina da guerra espiritual, é preciso dizer, o interior do universo evangélico (considerado normalmente por seus integrantes como a verdadeira igreja de Cristo - "O Corpo de Cristo") é tomado como um território não totalmente protegido das influências corruptoras de Satanás. As ações satânicas mais comuns ali, segundo crêem os evangélicos, seriam a desagregação e a fomentação de heresias.

Pelo exposto, já é então possível perceber a maneira como a doutrina evangélica da guerra espiritual - empregada, como salienta Oro, pelo neopentecostalismo para combater as religiões afro-brasileiras -, articulando-se com a crença também evangélica no caráter satânico do movimento nova era (articulação essa também presente na percepção neopentecostal)⁴, acaba sendo o argumento central daqueles setores que dentro do universo evangélico legitimam sua intransigência para com a Teologia da Prosperidade.

Ao caracterizarem a Teologia da Prosperidade como um desvio da fé crista que leva o crente a se sentir no direito de usufruir dos poderes de Deus, ou seja, a se sentir um "mini-deus", com grande domínio sobre sua sorte no mundo, pretensões essas tidas como análogas as que são prometidas por práticas seculares e religiosas atribuídas ao movimento nova era, e ao tomarem como sua obrigação religiosa lutar pela integridade e ortodoxia da fé cristã no interior da tradição evangélica, os combatadores da Teologia da Prosperidade compartilham, para legitimar seu combate, de parte das bases teológicas do neopentecostalismo, do mesmo discurso legitimador utilizado pelos neopentecostais para com bater os cultos afro-brasileiros: a doutrina da guerra espiritual.

Por essa razão, pode-se dizer que a grande arma teológica do neopentecostalismo na "guerra santa" contra os cultos afro-brasileiros, a doutrina da guerra espiritual, é também o grande calcanhar de Aquiles dessa modalidade evangélica em sua interação com outros setores da tradição protestante da qual faz parte, pois as igrejas neopentecostais, professando essa doutrina, não deixam de reforçar as bases teológicas da ação denunciadora dos setores evangélicos contrários à heterodoxia da Teologia da Prosperidade, não deixam de compartilhar das razões que justificam a guerra santa de seus oponentes evangélicos contra o que nela passa a ser definido como indisfarçável heresia inspirada pelo satânico movimento Nova Era.

Alguém poderia argumentar que as igrejas neopentecostais

4 Há livros publicados pela IURD denunciando o movimento Nova Era: CABRAL. J. Nova era à luz da Bíblia. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal: 1995; CABRAL. J. Nova era & velhas mentiras. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal: 1995.

jamais aceitarão a acusação de que são heréticas por advogarem a Teologia da Prosperidade e muito menos que, por assim o fazerem, estão contaminadas pelo movimento nova era, já que, mesmo com menos ênfase, também o combatem em sua guerra espiritual. Do mesmo modo, poder-se-ia argumentar que a definição com que o neopentecostalismo opera a sua guerra espiritual é um tanto distinta de outros setores evangélicos, pois o que lhes interessa fundamentalmente é "desalojar Satanás da vida daqueles que nunca tiveram uma experiência verdadeira com Jesus" (os não-evangélicos) e não promover uma "inquisição legalista" entre os "irmãos em cristo" (os evangélicos). Outrossim, que os neopentecostais não estão muito preocupados com as acusações que provem do interior do universo evangélico, já que muito mais preocupantes para eles, pela repercussão que causam, são os ataques que sofrem da imprensa secular.

Essas ponderações remetem a questão de como as igrejas neopentecostais têm reagido aos ataques de setores evangélicos a elas contrários. O caso da IURD, mais uma vez, é o que melhor ilustra o tipo de reação desencadeada pelo neopentecostalismo aos seus combatadores evangélicos. Aos que a acusam de ser herética por professar a Teologia da Prosperidade, ela normalmente faz "ouvidos moucos" e, no máximo, devolve como acusação o argumento de que, ao contrário de outras igrejas evangélicas, ela está abençoada ("cheia do Espírito Santo") e em irrefreável crescimento. Além disso, mesmo que menos explicitamente, a IURD mantém algo como uma guerra espiritual também no interior do universo evangélico quando convida a membresia de suas igrejas a participar de suas reuniões e questiona o suposto pouco combate que estas fazem a Satanás. Por esta razão, não deixa de devolver àquelas a acusação de estarem corrompidas por Satanás, já que não o estariam combatendo adequadamente.

Paradoxalmente, a IURD não tem deixado de buscar, de alguns anos para cá, o fortalecimento de sua inserção no interior do universo evangélico brasileiro e isso tem sido feito também através de uma reação as resistências de setores evangélicos a ela contrários. Mas, pela forma com que tem se dado essa busca de aproximação⁵, a IURD parece estar muito mais preocupada em legitimar-se na sua

5 Sobre este assunto ver: MARIANO, Ricardo. Op. cit.: pg. 64-66.

relação com o exterior secular do universo evangélico (principalmente em relação a imprensa secular) do que em justificar-se teologicamente no interior deste.

Para concluir, deduz-se então que interessa a IURD priorizar seus embates - sua "guerra santa" - muito mais para fora do universo evangélico do que para dentro, e isso, objetivamente, significa preferir o combate onde ela está no ataque ao combate onde ela deve se defender. Percebe-se, outrossim, que de acusador dos cultos afro-brasileiros através da doutrina da guerra espiritual, o neopentecostalismo passa a ser vítima dessa mesma doutrina através do uso que dela fazem os setores evangélicos combatadores das bases teológicas do neopentecostalismo (principalmente a Teologia da Prosperidade). Isso, penso, serve ao menos para nos informar sobre a interessante ambigüidade que o neopentecostalismo assume ao conjugar numa mesma modalidade religiosa, que se pretende evangélica, a doutrina da guerra espiritual e a Teologia da Prosperidade.